

## Indústria de Bebidas Alcoólicas

**Fernando Luiz E. Viana**

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção. Doutor em Administração  
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB  
fernandoviana@bnb.gov.br

**Resumo:** O consumo de bebidas alcoólicas em termos mundiais apresentou recuperação nos dois últimos anos (2021 e 2022), após queda de 6,7% das vendas em volume observada em 2020, especialmente devido ao forte impacto da pandemia nas vendas do mercado “on-trade”. Em 2021, alta de 4,4% no volume de vendas, seguido de um crescimento menor, de 2,3%, em 2022. O mercado brasileiro, que enfrentou queda da produção em 2021 (-0,3%) e 2022 (-1,9%), deve iniciar a recuperação em 2023, apesar dos desafios que se apresentam de baixo crescimento econômico e tendência de manutenção da inflação, com aumento projetado de 4,0% nas vendas em volume, bem como crescimento médio anual (CAGR) de 3,1% até 2026. Entre as principais tendências do mercado mundial, que devem se refletir nos mercados nacional e regionais, destaca-se o maior equilíbrio entre o consumo de bebidas *premium* e de bebidas de menor preço de marcas tradicionais, a consolidação do e-commerce como canal de distribuição, a busca por produtos mais sustentáveis e o crescimento do consumo de produtos com baixo teor alcoólico e/ou sem álcool. Isso demandará adaptações de produtos e processos por parte das empresas já consolidadas e o surgimento de nichos a serem explorados por novos players. Em termos de perspectivas de investimentos, dado o baixo nível de utilização da capacidade da indústria de bebidas alcoólicas nacional, o momento atual é de parcimônia. Por outro lado, considerando as necessidades de adaptações nas linhas de produtos e tipos de embalagens utilizadas, a partir das tendências supracitadas, podem surgir necessidades de investimentos (e financiamentos), as quais devem estar relacionadas à fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, ou à adequação dos processos de produção às novas necessidades apontadas pelo mercado.

**Palavras-chave:** Bebidas Alcoólicas; Comportamento do Consumidor; Tendências de Mercado.

### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Junior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Lara Catarina de Aragão F. dos Reis, Mariana Carvalho e Lima, Naate Maia Muniz (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão “Economia Regional”. Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; [bancodonordeste.gov.br](http://bancodonordeste.gov.br)

## 1 Contextualização

O presente documento apresenta informações sobre a indústria de bebidas, englobando o grupo 11.1 (fabricação de bebidas alcoólicas) da divisão 11 (fabricação de bebidas) da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). A classificação mais usual no mercado internacional dos produtos que compõem a indústria de bebidas alcoólicas divide-os em: Cervejas, *Spirits* (principais tipos de destilados, tais como uísque, vodca, gin, tequila e aguardente), Vinhos, Cidras e *Ready-to-drink* - RDTs (bebidas que constituem uma mistura de um *spirit*, um vinho ou malte com uma bebida não alcoólica, servidas pré-misturadas e prontas para beber).

A indústria de bebidas constitui um importante setor da indústria de transformação e, apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. No Brasil, entre as bebidas alcoólicas, a cerveja tem grande destaque, tendo sido responsável por 91,9% do consumo de bebidas alcoólicas (em volume) do País em 2022. Devido à presença de vários fornecedores locais e internacionais e de grandes *players* com atuação global, o mercado é altamente competitivo. De forma semelhante, no mercado mundial, a cerveja constitui a principal bebida alcoólica vendida, embora com menor participação no mercado, englobando 77,9% das vendas em volume no ano de 2022.

A partir da pandemia da Covid-19, que teve impacto relevante no setor, especialmente as vendas de bebidas alcoólicas no chamado mercado “on-trade” (bares, restaurantes, hotéis etc.), que é o principal canal de vendas desse tipo de produto, na maioria dos países do mundo, mudanças importantes no comportamento do consumidor se consolidaram como tendência, tais como o entretenimento doméstico e as vendas online. Apesar da forte alta dessas tendências nos últimos anos, é inevitável que haja alguma desaceleração em relação às taxas de crescimento do pós-*lockdown*, enquanto os preços e o valor terão mudanças de prioridades nas vitrines digitais, que enfrentam os desafios macroeconômicos em todo mundo, especialmente a inflação.

O mercado brasileiro de bebidas alcoólicas é dominado amplamente pela AMBEV (da multinacional AB Inbev), que detinha 56,9% de participação no mercado em 2021, seguida pelas duas outras grandes produtoras de cervejas que atuam no País, Heineken (15,5%) e Cervejaria Petrópolis (11,8%). Entre as demais empresas que estão entre as dez maiores em participação no mercado brasileiro, existem multinacionais, como a Diageo e a Campari, e empresas regionais, como a Cia Muller de Bebidas e a Pitu (PE).

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados de países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional.

## 2 Desempenho Recente

Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da indústria de bebidas alcoólicas, considerando os grupos CNAE cobertos pelo presente trabalho.

### 2.1 Produção e Vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados da Pesquisa Industrial Anual Produto (PIA Produto) do IBGE (2023a), atualizados até 2022 (com uso da PIM-PF), mostram a produção de bebidas alcoólicas vinha em uma trajetória crescente até 2020 (Tabela 1), mesmo com o advento da pandemia da Covid-19 naquele ano. Entretanto, houve queda da produção nos dois últimos anos. A fabricação de cervejas e chopes possui grande destaque, atingindo, em 2022, 90,5% do total produzido em milhares de litros, embora esse tipo de bebida venha perdendo participação relativa nos últimos anos. Fazendo-se um recorte apenas nos últimos 2 anos (2021 e 2022), após o crescimento da produção observado no 1º ano da pandemia, houve quedas respectivas de 0,3% e 1,9% dos volumes produzidos em 2021 e 2022.

**Tabela 1 – Evolução da produção (em milhares de litros) da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil: 2018-2022**

CLASSE CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	1.212.997	1.163.415	1.197.878	1.194.284	1.171.593
Fabricação de vinho	642.783	673.916	664.442	662.449	649.862
Fabricação de malte, cervejas e chopes <sup>1</sup>	15.319.532	17.269.543	17.691.434	17.638.360	17.303.231
<b>Total</b>	<b>17.175.312</b>	<b>19.106.874</b>	<b>19.553.754</b>	<b>19.495.093</b>	<b>19.124.686</b>

Fonte: IBGE (2023a, 2023b)<sup>2</sup>. Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) A produção de malte é medida em toneladas e, portanto, foi desconsiderada do total da respectiva classe (1113-5), bem como a produção de borras dos diferentes tipos de bebidas.

(2) Dados de 2018 a 2020 da PIA Produto. Dados de 2021 e 2022: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados da PIA Produto mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção.

**Tabela 2 – Evolução das vendas (em milhares de litros)<sup>1</sup> da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil: 2018-2022**

CLASSE CNAE	2018	2019	2020	2021	2022
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	1.103.480	1.072.802	1.087.898	1.084.634	1.064.026
Fabricação de vinho	567.048	667.452	693.036	690.957	677.829
Fabricação de cervejas e chopes <sup>1</sup>	11.832.207	13.220.538	13.484.817	13.444.363	13.188.920
<b>Total</b>	<b>13.502.735</b>	<b>14.960.792</b>	<b>15.265.751</b>	<b>15.219.954</b>	<b>14.930.775</b>

Fonte: IBGE (2023a, 2023b)<sup>2</sup>. Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) A produção de malte é medida em toneladas e, portanto, foi desconsiderada do total da respectiva classe (1113-5).

(2) Dados de 2018 a 2020 da PIA Produto. Dados de 2021 e 2022: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

É importante salientar que os dados apresentados anteriormente da PIA-Produto contemplam apenas a produção e as vendas de unidades produtivas localizadas no Brasil, ou seja, da indústria para o varejo, não considerando os fluxos de importação e exportação.

Com relação à dinâmica recente do mercado brasileiro de bebidas alcoólicas, podem-se destacar três fenômenos que se consolidaram: (1) Parte dos consumidores, especialmente os de menor renda, migrou suas compras para marcas mais baratas em algumas categorias no período de crise, além de reduzir a frequência das compras para muitos tipos de produtos; (2) Entre os novos hábitos de compras, está a tendência de se beber menos, mas marcas de melhor qualidade, o que também deve ter influenciado o declínio supracitado; (3) Observou-se uma disposição crescente de se consumir bebidas alcoólicas em casa, e não nos canais de comércio, o que foi fortemente reforçada com a crise da pandemia da Covid-19; (4) No mercado de cervejas, as cervejas de baixo teor alcoólico ou zero álcool, bem como cervejas de baixa caloria, têm ganhado espaço, com os dois principais *players* do setor investindo fortemente em opções nesses segmentos.

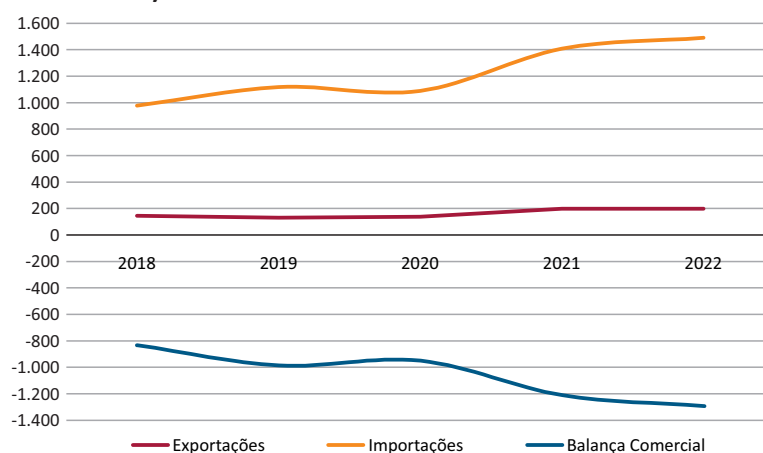
Apesar do impacto sofrido pelo setor devido às medidas de restrição de circulação adotadas em vários momentos durante a pandemia, o que trouxe forte impacto nas vendas de bebidas em bares e restaurantes (mercado “on-trade”), os desempenhos positivos de diversas categorias em 2020, especialmente cerveja, vinho, gin e uísque mostraram como o mercado brasileiro de bebidas alcoólicas é resiliente e como, mesmo em situações de crise, ele se mantém competitivo. Já em 2021, a recuperação observada nas vendas em bares e restaurantes não foi suficiente para sustentar o desempenho de 2020, o que levou a uma pequena queda de 0,3% na produção.

Com relação ao comércio internacional de bebidas alcoólicas, percebe-se que houve certa volatilidade nos valores das exportações entre 2018 e 2022, com movimentos alternados de queda e alta entre 2018 e 2020 e forte retomada do crescimento nos dois anos seguintes. As cervejas e chopes constituem os principais produtos da pauta de exportações brasileira de bebidas alcoólicas, sendo responsável por 62,7% do valor exportado em 2022. Todos os segmentos de produtos cresceram significativamente no período considerado, com maior destaque para os vinhos (51,9%).

Já as importações, de forma diferente, apresentaram um comportamento de aumento consistente no período observado, exceto em 2020, possivelmente reflexo da pandemia. No período 2018-2022, esse crescimento foi de 52,7%, com destaque para bebidas destiladas (87,4%), que refletem o forte alta de consumo de *Spirits* (notadamente o gin) no Brasil. Adicionalmente, os valores envolvidos são bem maiores do que aqueles das exportações. O grande montante importado explica-se pelo aumento do consumo de cervejas especiais, vinhos e destilados, especialmente uísques e gin, o que representa uma sofisticação maior do mercado brasileiro de bebidas.

Os dados referentes ao comércio exterior mostram que a balança comercial da indústria de bebidas alcoólicas brasileira tem sido amplamente deficitária no período analisado, totalizando US\$ 1,29 bilhão de déficit em 2022, o que é de difícil reversão no futuro próximo, tendo em vista o grande espaço que algumas bebidas importadas têm no Brasil, bebidas essas em que há dificuldade de adoção de estratégias de substituição de importações, em função de suas características de produção.

**Gráfico 1 – Balança comercial da indústria brasileira de bebidas alcoólicas no período 2018-2022 (US\$ milhões FOB)**



Fonte: FUNCEXDATA (2023). Elaboração do BNB/ETENE.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de bebidas alcoólicas, destacam-se como destino, em 2022, países da América do Sul, tais como Paraguai, Bolívia, Uruguai, Argentina, Chile e Colômbia, nessa ordem, além dos Estados Unidos. Como o mercado brasileiro de cervejas é dominado por grandes multinacionais, o Brasil funciona como importante abastecedor dos países sul-americanos.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, os países produtores das principais bebidas importadas têm destaque: vinho (Argentina, Uruguai, Chile, França, Portugal, Itália, Espanha), uísque, gin e vodka (Reino Unido, Estados Unidos e Suécia). Conforme supracitado, torna-se muito difícil estabelecer uma política de substituição de importações de bebidas oriundas desses países, principalmente nos casos dos vinhos e uísques.

## 2.2 Emprego e Capacidade Instalada

Em 2021, a economia brasileira mostrou sinais de recuperação em relação ao difícil ano de 2020, período mais crítico da pandemia. A taxa de desemprego caiu a partir da retomada das atividades econômicas e recuperação parcial da economia, atingindo 11,1% ao final do ano. Da mesma forma, o PIB brasileiro cresceu 4,6% em 2021, em linha com as expectativas do mercado. Entretanto, já naquele ano surgiram sinais de aumento da inflação, que se intensificou em 2022, embora com melhora do cenário no final do ano. O crescimento do PIB em 2022 foi de 2,9%, a inflação acumulada (IPCA) foi de 5,79%. A taxa de desemprego mensurada em dezembro/2022 foi de 7,9%, o que levou a uma taxa média de desemprego de 9,3% em 2022.

Na indústria de bebidas alcoólicas do Brasil, os números relativos ao emprego nos últimos cinco anos (2018-2022) mostram aumento consistente ano após ano, exceto em 2020, por conta dos efeitos da pandemia, em que houve forte queda do emprego, seguida de recuperação em 2021 e 2022. Com

isso, o crescimento acumulado do emprego no setor, entre 2018 e 2022, foi de 8,9% no Brasil; já no Nordeste, observou-se uma queda de 10,1%, mesmo com a leve recuperação observada em 2021 e 2022. Como destaque nacional de crescimento no período (considerando-se a representatividade dos estados no total do emprego), têm-se os Estados de Minas Gerais (32,7%), Paraná (39,8%) e Santa Catarina (29,6%). Esses três estados são importantes produtores nacionais de bebidas artesanais, como cerveja e cachaça. No Nordeste, entre os principais estados produtores, todos tiveram queda do emprego no período, de 2,1% na Bahia, 33,5% no Ceará e 5,2% em Pernambuco.

**Tabela 3 – Evolução do emprego na indústria de bebidas alcoólicas no período 2018-2022<sup>1</sup>: Brasil, Nordeste e UF**

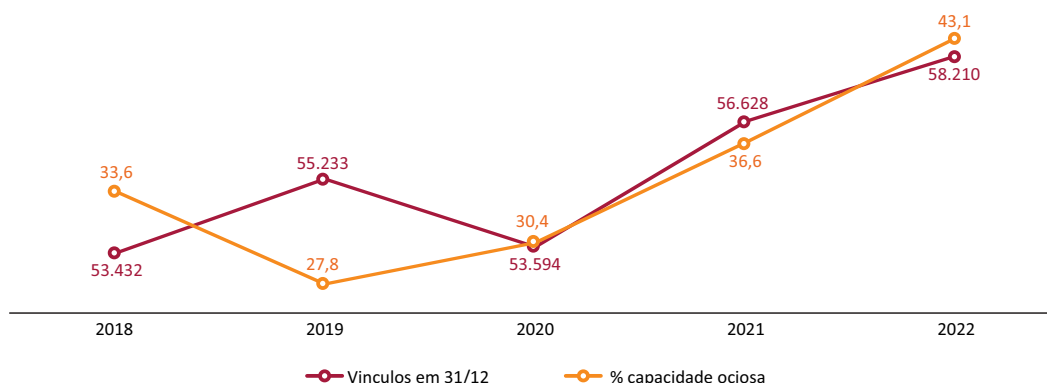
Estado	2018	2019	2020	2021	2022
Acre	14	30	35	36	13
Alagoas	225	62	60	66	35
Amazonas	661	596	566	525	542
Bahia	2.711	2.764	2.609	2.594	2.653
Ceará	1.863	1.290	1.234	1.230	1.239
Distrito Federal	101	142	141	136	146
Espírito Santo	212	261	260	309	376
Goiás	2.322	2.141	1.687	1.854	1.926
Maranhão	1.095	1.012	1.027	979	836
Mato Grosso	1.166	1.223	1.147	1.090	1.085
Mato Grosso do Sul	22	20	13	30	38
Minas Gerais	4.088	4.115	4.577	4.940	5.425
Pará	1.096	1.061	1.011	1.027	1.009
Paraíba	902	975	1.005	1.038	1.062
Paraná	2.215	2.399	2.479	2.700	3.096
Pernambuco	4.077	4.071	3.381	3.720	3.864
Piauí	485	542	511	542	535
Rio de Janeiro	6.052	5.962	5.893	5.941	6.072
Rio Grande do Norte	272	110	126	149	152
Rio Grande do Sul	5.515	5.884	5.804	6.254	6.499
Rondônia	21	25	32	36	46
Roraima	11	16	11	17	15
Santa Catarina	1.998	2.075	2.341	2.592	2.590
São Paulo	15.919	18.081	17.223	18.398	18.519
Sergipe	371	357	401	403	417
Tocantins	18	19	20	22	20
<b>Região Nordeste</b>	<b>12.001</b>	<b>11.183</b>	<b>10.354</b>	<b>10.721</b>	<b>10.793</b>
<b>Brasil</b>	<b>53.432</b>	<b>55.233</b>	<b>53.594</b>	<b>56.628</b>	<b>58.210</b>

Fonte: RAIS (2023) e CAGED (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Dados de 2022 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

Mesmo com o comportamento favorável para o emprego no setor no período analisado (exceto em 2020), a capacidade ociosa do setor vem aumentando, o que causa certa estranheza, pois o comportamento esperado da capacidade ociosa é que diminua com o aumento do emprego/ocupação. Uma possível justificativa para isso seria a ocorrência de investimentos recentes em aumento da capacidade, via expansão das instalações ou modernização tecnológica, que não foi compensando pelo aumento relativamente tímido dos empregos.

**Gráfico 2 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa<sup>1</sup> da indústria brasileira de bebidas alcoólicas: 2018 a 2022**



Fonte: CAGED (2023) e CNI (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera toda a indústria de bebidas, inclusive de bebidas não alcoólicas.

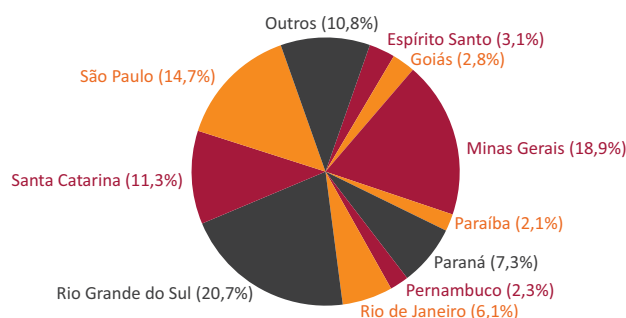
O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 56,9% a 72,2%, está abaixo da média da indústria de transformação, em um patamar que indica que a indústria de bebidas tem operado com sobrecapacidade ao longo dos últimos anos, o que pode ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, especialmente nos segmentos mais tradicionais. Chama atenção as fortes quedas no nível de utilização da capacidade observadas em 2021 e 2022, atingindo o menor nível no período analisado. Nesse sentido, possíveis investimentos devem ser direcionados para adaptações relacionadas a mudanças no mix de produtos, visando às adaptações necessárias para o alinhamento às novas tendências do consumo.

## 2.3 Distribuição Regional da Produção

Conforme já mencionado, a indústria de bebidas alcoólicas, apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos, constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. Em 2021, a indústria de bebidas alcoólicas concentrava 0,8% dos empregos da indústria de transformação do Brasil e 1,1% dos empregos da indústria de transformação do Nordeste. Logo, a indústria de bebidas alcoólicas tem maior importância para a geração de empregos no Nordeste do que no Brasil.

Apesar da citada distribuição regional da produção, com a presença de unidades produtivas em todos os estados brasileiros, percebe-se que, em nível regional (grandes regiões), há uma concentração da produção nos estados mais populosos (Gráfico 3). A partir das plantas industriais localizadas nesses estados, há uma distribuição dos produtos para os demais estados da mesma região. A quantidade de estabelecimentos é influenciada também pelo perfil das empresas fabricantes de bebidas, em termos de tamanho (pequena x grande empresa).

**Gráfico 3 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de bebidas alcoólicas em 2021**



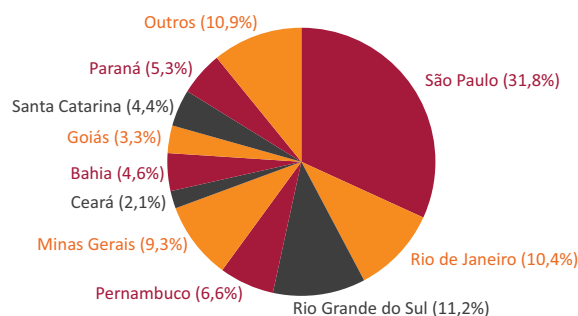
Fonte: RAIS (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

As exceções entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de bebidas alcoólicas são Bahia, Ceará e Pará. Nos seus lugares, Goiás

(12º estado mais populoso), Espírito Santo (14º estado mais populoso) e Paraíba (15º estado mais populoso) fazem parte da lista, o primeiro por conta da sua importância logística para o abastecimento do mercado da região Centro-Oeste, o segundo possivelmente pelo crescimento recente da quantidade de cervejarias artesanais no Estado, e o terceiro possivelmente devido à grande quantidade de empresas produtoras de aguardente.

No caso dos empregos (dados de 2022), a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que a única mudança que se observou na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios em 2022 foi a inclusão do Ceará no lugar do Espírito Santo e da Bahia no lugar da Paraíba (Gráfico 4). Nos dez estados com maior número de empregos no setor, destaca-se e concentração dos empregos no Estado de São Paulo (31,8%), em comparação com o número de estabelecimentos.

**Gráfico 4 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de bebidas alcoólicas brasileira em 2022**



Fonte: RAIS (2023) e CAGED (2023). Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Dados de 2022 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

Fenômeno semelhante ocorre em outros estados, como Rio de Janeiro, Ceará, Pernambuco e Goiás, o que denota a predominância de grandes empresas do setor nesses estados, especialmente produtoras de cervejas e subsidiárias de multinacionais produtoras de outros tipos de bebidas alcoólicas. Por outro lado, em outros estados como o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Santa Catarina, entre outros, ocorre o contrário, ou seja, há maior concentração relativa de empresas do que de empregos, configurando-se a predominância de empresas de menor porte, denotando um caráter mais artesanal da produção de bebidas alcoólicas nesses estados.

A indústria de bebidas alcoólicas do Nordeste, considerando os dados de 2021, concentra 10,8% dos estabelecimentos e 18,9% dos empregos, o que mostra uma perda relativa do Nordeste nos últimos anos, tendo em vista que, em 2016, o Nordeste detinha 13,5% dos estabelecimentos e 24,7% dos empregos do setor. O percentual de empregos bem maior do que o percentual de estabelecimentos indica a predominância de empresas de maior porte na indústria de bebidas alcoólicas na Região. Já na região Sul (39,3% dos estabelecimentos e 20,4% dos empregos) ocorre o contrário, o que denota a predominância de empresas de menor porte na indústria de bebidas daquela Região.

### 3 Perspectivas

Passados quase dois anos dos períodos mais críticos da pandemia da Covid-19 e em um cenário de relativa volta à normalidade das economias em todo o mundo, algumas tendências do comportamento do consumo de bebidas alcoólicas se consolidaram. O consumo de bebidas alcoólicas em termos mundiais apresentou recuperação nos dois últimos anos (2021 e 2022), após queda de 6,7% das vendas em volume observada em 2020, especialmente devido ao forte impacto da pandemia nas vendas do mercado “on-trade”. Em 2021, houve crescimento de 4,4% no volume de vendas, seguido de um aumento menor, de 2,3%, em 2022.

Em termos de perspectivas para o setor e a dinâmica do mercado de bebidas alcoólicas no futuro próximo, existem algumas tendências que influenciarão a produção e o consumo de bebidas alcoólicas, que precisam ser consideradas: Primeiro, embora a “premiumização” mantenha o seu fascínio e as opiniões sejam menos uniformes sobre a sua evolução – ou potencial reversão a curto prazo – um

consenso parece apontar para um abrandamento inevitável, devido aos desafios macroeconômicos enfrentados em todo mundo, incluindo o Brasil, especialmente a inflação; Segundo, a mudança subjacente em direção à moderação e ao consumo consciente está se consolidando como forte tendência, e não como uma moda passageira – com o segmento em expansão, com crescimento importante do consumo dos chamados *Spirits* sem álcool e de bebidas de baixo teor alcoólico, inclusive, no segmento de cervejas; Terceiro, as vendas on-line e diretas ao cliente ganharão ainda mais força à medida que a indústria de bebidas alcoólicas alcança tardiamente as taxas de penetração testemunhadas em outros setores. Das vitrines digitais aos aplicativos de terceiros e do fator conveniência à exploração de novas fronteiras físicas, a pandemia trouxe mudanças significativas que vieram para ficar.

No Brasil, essas tendências vêm se materializando e as empresas têm mostrado alinhamento às mesmas. Por exemplo, com relação à tendência de moderação e de consumo consciente, as empresas têm investido em opções de baixo teor alcoólico ou sem álcool, bem como associado o consumo de determinados produtos a hábitos mais saudáveis; por exemplo, observa-se um aumento intenso nas opções de bebidas alcoólicas orgânicas. A categoria de cerveja no Brasil tem sido uma das mais intensas em termos de novidades, com os dois maiores players investindo pesadamente em opções de baixa caloria ou zero álcool com sucesso. Amstel Ultra, Michelob e Heineken 0.0 são exemplos.

Ja com relação às vendas on-line, tem ocorrido a ascensão do comércio eletrônico em todas as suas inúmeras possibilidades, incluindo vendas por aplicativos, como o Zé Delivery (B2C) e o Bees (B2B), ambos da Ambev. Já os fabricantes de *spirits*, dentro da estratégia de fortalecer a cultura de consumo dos coquetéis, cada vez mais difundida e popular entre os consumidores que desejam experiências únicas e gostam de experimentar novos sabores, têm investido fortemente em plataformas online que ensinam o consumidor a fazer coquetéis, além de investir em influenciadores de coquetéis.

Além dos aspectos supracitados, permanece e se fortalece cada vez mais como tendência a questão da sustentabilidade. Praticamente todos os principais players de bebidas alcoólicas têm intensificado seus esforços nessa área, com níveis variados de ambição. Existem medidas mundialmente conhecidas de empresas como Diageo, Carlsberg e Heineken, incluindo a redução do uso de plástico nas embalagens e o uso de energia 100% renovável na produção (GKPB, 2022).

Adicionalmente, em termos de tendências de produtos, deve-se atentar para as bebidas com base em canabis, a partir da liberação do uso desse ingrediente em cada contexto de atuação das empresas, algo que já é realidade em países como Canadá e Estados Unidos. Com isso, mesmo empresas tradicionais que possuem marcas e produtos consolidados em diferentes mercados precisam estar atentas à necessidade de diversificação, ancorada em estudos de mercado e inovação para o desenvolvimento de produtos.

O Brasil, como importante player no mercado mundial, também está sujeito a essa dinâmica das tendências da indústria de bebidas alcoólicas. O mercado brasileiro, que enfrentou queda das vendas nos dois últimos anos, deve iniciar uma recuperação em 2023, apesar dos desafios que se apresentam de baixo crescimento econômico e tendência de manutenção da inflação, com alta projetada de 4,0% nas vendas em volume, bem como crescimento médio anual (CAGR) de 3,1% até 2026 (EMIS, 2023).

Dado o baixo nível de utilização da capacidade da indústria de bebidas alcoólicas nacional, o momento atual é de parcimônia em termos de novos investimentos. Por outro lado, considerando as necessidades de adaptações nas linhas de produtos e tipos de embalagens utilizadas, a partir das tendências supracitadas, podem surgir necessidades de investimentos (e financiamentos), as quais devem estar relacionadas à fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, ou à adequação dos processos de produção às novas necessidades apontadas pelo mercado. Ademais, reforça-se a importância da análise caso a caso dos projetos e das empresas proponentes. O caso da Cervejaria Petrópolis, que entrou com pedido de recuperação judicial no dia 27/03 (ver item 4 – sumário executivo setorial), serve de alerta para a necessidade de parcimônia.



## 4 Sumário Executivo Setorial

<p><b>Ambiente político-regulatório</b></p>	<p>Resumidamente, a legislação de bebidas no Brasil é regida por dois decretos principais: um aborda os derivados do vinho, e os outros as bebidas de uma forma mais geral. A Lei nº 7.678, de 1988, é conhecida como o Decreto do Vinho e a Lei nº 8.918, de 1994, em conjunto com o Decreto nº 6.871, de 2009, compõem o decreto das bebidas. Esses dois decretos são os principais regentes da produção de bebidas no Brasil, e podem ser encontrados na íntegra no site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA);</p> <p>Existem também leis que regem o consumo de bebidas alcoólicas, com destaque para a Lei Federal 13.106/15, que proíbe a venda para e o consumo de bebidas por menores de 18 anos, e a Lei Federal 11.7005/08, conhecida como “Lei Seca”, que determina tolerância zero para o consumo de bebidas por motoristas. Destaca-se também a Lei Federal 9.294/06, que regula a propaganda de bebidas alcoólicas. Além disso, existem leis estaduais e municipais que regulam o horário permitido de funcionamento de bares e restaurantes, com impacto no consumo de bebidas alcoólicas;</p> <p>Os aspectos que têm impactado o setor e, de certa forma, estão relacionados com ações políticas, são a inflação, a taxa básica de juros da economia (SELIC), que por sua vez tem relação com a inflação, e o comportamento do câmbio. Além disso, a carga tributária sobre as bebidas alcoólicas (ICMS) tem efeito direto no preço de venda desses produtos.</p>
<p><b>Meio ambiente – efeito das mudanças climáticas</b></p>	<p>Praticamente todos os principais players de bebidas alcoólicas no mundo têm intensificado seus esforços em ações relacionadas à sustentabilidade/ESG, com níveis variados de ambição. Existem medidas mundialmente conhecidas de empresas como Diageo, Carlsberg e Heineken, incluindo a redução do uso de plástico nas embalagens e o uso de energia 100% renovável na produção.</p>
<p><b>Nível de organização do setor existência de instituições de pesquisas específica para setor, existência de associações etc.</b></p>	<p>Além da ABIA – Associação Brasileira da Indústria de Alimentos, o setor tem importante representação da ABRABE – Associação Brasileira de Bebidas. Trata-se da entidade que reúne todas as categorias de bebidas alcoólicas e representa os associados na interlocução junto a diversos atores institucionais, tais como Poder Executivo, legisladores, mercado, órgãos reguladores etc.</p>
<p><b>Resultados das empresas que atuam no setor</b></p>	<p>A única empresa do setor listada na B3 é a AMBEV, maior fabricante de bebidas alcoólicas do Brasil. Em 2022 a empresa apresentou lucro líquido ajustado de R\$ 15,17 bilhões, crescimento de 12,6% em relação a 2021. A receita líquida, por sua vez, cresceu 9,4%, atingindo R\$ 79,7 bilhões em 2022. Por fim, a produção em volume cresceu 3,0%, atingindo 185,75 milhões de hectolitros em 2022;</p> <p>Por outro lado, a Cervejaria Petrópolis, 3ª maior empresa brasileira produtora de bebidas alcoólicas, que possui 11,8% de participação no mercado, fez pedido de recuperação judicial no dia 27/03, alegando a impossibilidade de pagamento de dívidas de curto prazo<sup>1</sup>. A empresa vem enfrentando dificuldades de liquidez, decorrente da redução de receitas. Em 2022, a empresa vendeu 24,1 milhões de hectolitros de bebidas, queda de 23% em relação a 2020. A companhia tem dívidas da ordem de R\$ 4,4 bilhões, sendo R\$ 2,0 bilhões dívidas financeiras e de mercado de capitais.</p>
<p><b>Perspectivas para o setor</b></p>	<p>O mercado brasileiro, que enfrentou queda das vendas nos dois últimos anos, deve iniciar uma recuperação em 2023, apesar dos desafios que se apresentam de baixo crescimento econômico e tendência de manutenção da inflação, com aumento projetado de 4,0% nas vendas em volume, bem como crescimento médio anual (CAGR) de 3,1% até 2026.</p>

## Referências

CAGED – CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS. Disponível em <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged> Acesso em 14 mar. 2023.

CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Indicadores industriais**. Disponível em <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 06 mar. 2023.

EMIS. **Brazil Food and Beverage Sector 2022/2023**. Disponível em <https://www.emis.com> Acesso em 09 fev. 2023 (Acesso Restrito).

FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 15 mar. 2023 (Acesso Restrito).

GKPB. **Heineken troca cor de sua estrela para reforçar sustentabilidade**. Disponível em <https://gkpb.com.br/80211/heineken-troca-cor-estrela-sustentabilidade> Acesso em 07 mar. 2022.

<sup>1</sup> ROVAROTO. I. Cervejaria Petrópolis, dona da Itaipava, pede recuperação judicial com dívida de R\$ 4 bilhões. Revista Exame. São Paulo: Exame Ltda. Disponível em: <https://exame.com/negocios/cervejaria-petropolis-dona-da-itaipava-pede-recuperacao-judicial-com-divida-de-r-4-bilhoes/>. Acesso em 28 mar 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa industrial anual – PIA Produto**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5807> Acesso em 03 mar. 2023.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa industrial mensal Pessoa Física – PIM-PF**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3650> Acesso em 01 mar. 2023.

RAIS - RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 03 mar. 2023.

**Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:**

**<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>**

**Conheça outras publicações do ETENE**

**<https://www.bnb.gov.br/etene>**